ARTE E EDUCAÇÃO

NIZETE INÁCIO DOS SANTOS

RESUMO

O professor das escolas brasileiras encontra vários desafios dentro das salas de aula, desafios ainda maiores do que educar propriamente. Trata-se de mediar e promover o ensino levando em conta a diversidade cultural presente no grupo. O professor da educação infantil ministra o ensino de artes tem importante papel na formação do indivíduo, pois acima de tudo ele deve ter o cuidado com a individualidade de cada um e ensinar os alunos a se apropriarem de linguagens, promovendo ações para que eles em primeiro lugar se aceitem e aceitem os outros da forma como são. Ao concluir um curso de licenciatura, um professor deve estar ciente das dificuldades que irá encontrar na sala de aula e, deve se responsabilizar por sua formação continuada, visto que, os cursos de pedagogia oferecidos atualmente não oferecem subsídios adequados para este profissional permear o ensino de artes na formação de cidadãos. Então, ao lidar com pessoas de culturas diferentes, que têm modo de agir e pensar diferentes, é importante que haja a reflexão sobre a prática em sala de aula para tornar o ensino e aprendizagem significativos.

Palavras-chave: Arte; Educação; Aprendizagem; Teoria pré-escolar; Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se nesse trabalho, mostrar a importância da arte na Educação Infantil e falar de como ela é fundamental no âmbito escolar, visando à reflexão e a crítica sobre as práticas educativas em arte com a criança. No contexto escolar atual, a arte é tralhada de diversas maneiras na escola de educação infantil, no entanto, enquanto educadores, temos documentos que legalizam o seu ensino e nos orientam sobre como essa linguagem importante deve estar presente no cotidiano das crianças pequenas.

Os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), vêm com os objetivos nos mostrando sobre a importância da arte para a vida e o que ela envolve, abrangendo todas as áreas do desenvolvimento humano. Como professores, temos o dever de proporcionar condições para que os alunos sejam criadores de suas próprias obras, explorando a sua imaginação e ofertando elementos para aprenderem técnicas e procedimentos artísticos.

Sobretudo, ainda é comum notarmos a prevalência da metodologia por parte de muitos profissionais quanto a reprodução de obras de artistas consagrados, ou deixar os alunos livres para fazerem o que querem. De acordo com as propostas do MEC- Ministério da Educação, nem uma coisa nem outra.

Os objetivos de artes nas escolas, compreendem fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Desta forma, é possível o aluno ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão e claro, a sua imaginação. Esse é o chamado Tripé: apreciação, contextualização e produção.

Cantar, dançar, interpretar, escrever pintar. Enfim, todos esses requisitos estão diretamente ligados ao ser humano, pois todos nós, nascemos com um dom, um talento. Muitas vezes precisamos de estímulos para que possamos desenvolvê-los, daí a importância da arte na vida das pessoas. Ela é fundamental para estimular o potencial de cada um.

A arte não pode ser feita de maneira isolada, devendo ser mais uma das linguagens que possibilita o descobrimento do mundo pela criança, porque é de direito que eles desenvolvam todas essas potencialidades, seja da linguagem artística, da linguagem matemática, e de todas as outras. Então, a escola tem a função de garantir essa vivência e não esperar que apenas a família promova esses significados.

Além disso, é fundamental oferecer a criança pequena a oportunidade de experimentação na escola, pois o ensino de artes não pode ser engessado, sendo preciso disponibilizar momentos que ofereçam autonomia na prática, por exemplo quando se propõe uma atividade com argila. O professor não pode exigir que todos tentem fazer o mesmo produto, porque as vezes nem todos do grupo desejarão confeccionar a mesma coisa que foi orientado, assim, devemos pensar que a qualificação desse trabalho é que o torna importante.

Além de ser histórica essa marca de oficinas no ensino de artes, cristalizadas de gerações em gerações, ainda temos a fase em que se pretendia que a criança apenas recriasse uma obra de um artista famoso. Essa prática em nada contribui para a aprendizagem, pois ela não cria. BARBOSA (2010, p. 37), sugere que ela desenvolva uma obra e a partir deste desenvolvimento e que o professor possa apresentar artistas que tenham alguma semelhança com o que ela produziu, conduzindo assim, o efeito de percepção e por conseguinte a reflexão sobre a obra.

Com tantos encontros e desencontros sob a perspectiva do ensino com os pequenos, este trabalho irá abordar questões

como o compromisso com a arte na educação infantil, a necessidade de o professor saber a técnica, bem como saber aplicá-la, além dos diálogos necessários que é preciso estabelecer com a família a respeito dessa prática para que eles não a menosprezem as possibilidades que ela tem de interferir positivamente na vida das pessoas desde a infância.

2 BREVE HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL

A arte existe há muito tempo no mundo, mas especificamente no Brasil, alguns estudos comprovam que ela está presente a mais de 15.000 anos. Foram encontradas na forma de pinturas rupestres, alguns registros sobre a existência da arte antigamente, principalmente na região norte e nordeste.

Há quem diga que o ensino da arte começou a existir com a chegada dos Jesuítas, como Pimentel (2009). Na época da chegada deles, havia uma enorme separação e diferenciação pela retórica e pelo que era feito manualmente, sendo que a primeira tinha mais valia sobre a outra, perdurando de certa forma até os dias atuais.

Quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, começou então, a se elaborar um novo modelo de ensino, sendo posto o que se achava na época importante para a educação. O ensino de artes, de acordo com Barbosa (2010), começa especificamente a partir de 1926, quando foi criada a Academia Imperial de Belas Artes. Dez anos antes da academia ser criada, um grupo de artistas franceses fizeram um movimento artístico muito grande para a época, produzindo gravuras, pinturas, arquitetaram alguns edifícios. Sobretudo, a maior contribuição para a época neste sentido, foi a criação da Academia de Ciências Artes e Ofício, que posteriormente, tornou-se a Academia de Belas Artes. A principal missão da academia, era formar pessoas qualificadas para o trabalho no que tange ao desenho industrial, consequentemente, a clientela que a frequenta muda, pois em vez de ser pessoas da classe trabalhadora, quem vai para a academia é uma classe que tem aspirações aristocratas, passando a ter um símbolo de distinção social, promovendo o núcleo do preconceito quanto ao ensino de artes. Pois até hoje, muitas pessoas consideram o ensino de artes um babado cultural, luxo, ou até mesmo, um aspecto que enquanto seres humanos, poderíamos viver sem. Para Silva (2010, p.20)

O ensino de Arte no Brasil, ao longo do tempo, passou por diversos métodos, na maioria das vezes importados sem a devida adaptação, desde a colonização com os jesuítas, impondo a separação entre a retórica e a manufatura e negando a cultura indígena, passando pelo século XIX com a negação do barroco em favor do neoclássico.

De acordo com Pimentel (2009), o ensino da arte começou como ensino de desenho e através de pesquisas sobre os seus caminhos por profissionais da área, podemos ter a dimensão que o ensino do desenho era separado por categorias, pois havia o desenho gráfico, o desenho artístico, o industrial, e decorativo. Após ganhar todas essas nomenclaturas, se começa a discutir a arte na educação, propriamente, a partir de 1970, porque somente nessa época houve a industrialização brasileira, como a indústria do ferro batido, da construção civil, havendo um incremento enorme nessas áreas.

Rui Barbosa foi a personagem da época que mais aclamou o ensino de desenho nas escolas, sendo que somente em meados de 1980 que houve uma tentativa de institucionalizar através de uma lei orgânica que ofertasse obrigatoriamente essa modalidade de ensino. Nessa perspectiva, a Lei 9394/96, que corresponde a Lei de diretrizes e Bases da Educação, contempla atualmente a obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas de educação básica.

O modernismo por sua vez, começou com a criação das escolinhas de arte no Brasil, que foi um movimento que incluiu muitas mulheres arte educadoras, sendo que entre essas mulheres, está Noemia Varela. Barbosa (2010), nos conta que esse movimento não era formal e as instituições que o promoviam, tinham o nome de escolinhas que era usado carinhosamente, como sendo a escola para os pequenos.

O momento histórico que mais aproximou o que se fazia nas artes visuais com o que se fazia na escola, foi o momento do modernismo, justamente com a questão da livre expressão. Porém, enquanto os artistas modernos estudavam para chegar nesta fase, na escola as crianças faziam-se o que quisesse.

O modernismo por sua vez, podia ser caracterizado pelo expressionismo, pois não tinha nenhuma preocupação com o realismo, e de certa forma, com a reprodução real do mundo ao redor, existindo o medo da cópia, tentando assim, evitar a imagem da arte em sala de aula de modo que as crianças não se contaminassem, tentando copiar, sobrepujando a premissa de que a arte vem do interior do ser.

De acordo com estudo de Freire (1989), expressão “ensino da arte”, só começou a entrar na escola brasileira depois de 1971, sendo antes apenas, o ensino do desenho, existindo um curso de desenho que se instituía como “professorado do desenho”. Neste período vigora-se a Lei de 1971 que em 76, cria-se a lei que oferta o curso para a formação de professores de educação artística, traduzindo literalmente a expressão americana “art education”.

Hoje, nós temos um viés da arte como design, sendo ele utilidade da vida doméstica, sendo recriado na escola por muitas gerações com uma prática simplista onde se criava presentinhos para datas comemorativas, além do trabalho com materiais recicláveis, onde supunha-se que se o aluno que sabia manusear esses materiais ele saberia manusear outros consequentemente. Neste período, cria-se efetivamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, onde se estabelece uma educação tecnicista dentro desses parâmetros. Em seu artigo 26, parágrafo 2º, destaca que:

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. A arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Paralelamente a essa educação tecnicista, existe o ensino de desenhos geométricos nas escolas como atividade em educação artística. Também, neste período, existiu a criação da livre expressão, que é um ramo da psicologia que foi atrelado a artes. Para Dewey (2010), a concepção do produto produzido pelo aluno, que é bom por si só, sem nenhuma técnica aprendida como instrumento de criação e sem nenhuma interferência.

No início do século XXI, ainda existia como base a abordagem triangular, sistematizada pela Ana Mae Barbosa, sendo que esta sistematização permeia até os dias atuais. Pois todos os caminhos metodológicos para a criação do ensino de artes nas escolas têm como base de sustentação esse tripé, que significa: fazer arte, ver arte e contextualizá-la. Para Barbosa (2010), no tripé, não existe a necessidade de começar a fazer arte por um caminho específico, pois pode começar pelo contexto ou fazendo.

De acordo com os apontamentos de Barbosa (2010), foi muito difícil a solidificação dessa abordagem triangular por conta da resistência de muitos profissionais, mas ao mesmo tempo, existia uma enorme insatisfação em ver pessoas não compreendendo a arte em si no mundo adulto, com resistência em entrar em museus e apreciar os aspectos artísticos.

Ainda na arte contemporânea, existem muitas pessoas que não sabem usufruir dessa arte do jeito que ela é, apesar de vivenciarmos. Isso acontece, parte pela formação dos professores, parte por ainda não ter acontecido uma efervescência cultural importante na vida das pessoas. Haja vista que se deixar apenas por conta da escola, esse aspecto vai demorar um pouco mais a se desenvolver, embora seja papel da escola oferecer condições para que os alunos conheçam a arte contemporânea.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 94):

(...) a aula de arte não é apenas a sala de aula, seja ela específica para seu uso ou não, pois a arte também é um convite para sair de suas quatro paredes. Expedições exploratórias pela escola e seus jardins, mesmo que sejam diminutos, ou pelos arredores, certamente abrirão oportunidades de olhar e escutar pelos olhos do pensamento, do sentimento, da percepção, da imaginação.

A proposta triangular foi levada para as escolas no sentido de ter como subsídio uma metodologia a qual os professores na década de 90 pudessem usar para enriquecer e substanciar o trabalho desenvolvido com os alunos. Desde então, a prática que era adotada, começou a ser repensada por muitos profissionais e a ideia que se tinha sobre o aluno refazer a mesma tela de um artista famoso, começou a ser repensada.

Mais adiante, essa metodologia tornou-se uma proposta de ensino que fortaleceu essa ideia entre os profissionais, que melhorou consideravelmente a estrutura de fazer arte na educação. Na proposta, trabalha-se com a apreciação e contextualização da obra e claro, o aluno faz a sua própria produção, sem copiar aquela que já existe. De acordo com BARBOSA (2010), isso faz com que a proposta seja aplicada levando em consideração a expressão do aluno através da sua produção de arte.

Na proposta anterior a esta, o aluno fazia por fazer, produzia por produzir. Os professores levavam moldes para a sala de aula, em que os meninos e meninas eram ensinados apenas a desenhar e pintar, sem nenhuma reflexão, apenas técnica.

Além de toda essa abertura ao estado reflexivo que a arte possibilita nesta proposta, também existe a possibilidade de o aluno visitar a museus, a lugares expositivos de qualidade que oferecem um novo olhar sobre o mundo e sobretudo, com a vivência na natureza e o que ela pode oferecer no sentido da reflexão e da beleza.

3 A ARTE NA INFÂNCIA

Ao pensar em arte, deve-se pensar na necessidade inata que todos temos enquanto seres humanos, de externalizar a expressão, fazendo um trânsito de quem somos, nossos afetos e sentimentos, então, a arte é um caminho para isso. Logo a escola precisa organizar e proporcionar momentos artísticos, propiciando situações em que o aluno mergulhe numa experiência que o permita se representar em outros papéis, extrapolando outras dimensões do próprio "eu" que não o conhecemos e que só é possível através de outras linguagens, sendo a arte uma delas.

Para Barbosa (2010), de modo a garantir que esse ensino aconteça na escola, é importante organizar uma estrutura. Ela deve ser pensada de acordo com o que se quer trabalhar, se for artes visuais, é preciso pensar nos materiais que serão disponibilizados, além de ter que estar presente o contato com a natureza, para que a criança possa vivenciar diversos aspectos, além de explorar os elementos da natureza como a terra, a areia, folhas, galhos de artes e outros.

Archer (2001), diz que ele é um homem pela metade e quem o completa é o mundo, então, para existirem, as obras de arte precisam do outro. Da mesma forma, que sabemos que a natureza tem vida e o contato humano dá uma outra significação para ela, pois nós enquanto viventes e apreciadores, a desfrutamos, a tocamos e observamos.

Enquanto viventes, somos pequenos diante da imensidão de acontecimentos que ocorrem. De acordo com Barbieri (2012), a experiência é algo intransponível, pois não conseguimos transferir podemos apenas compartilhar. Ao compartilhar a experiência, possibilitamos que o sujeito com o qual ela é compartilhada está tendo outra experiência e não a mesma da primeira pessoa, porque cada vez que compartilhamos experiência ela sofre uma alteração sendo atualizada a partir do contexto significativo no momento para o outro.

Logo as nossas experiências que trazem significados, devem ser compartilhadas, sem que fiquem presas em uma mesma narrativa. Por outro lado, ao promover essas vivencias, a escola possibilita também, momentos de cidadania e quando se fala sobre esse aspecto, resgata-se a urgência de olhar para o humano e o que ele tem de mais singular e essencial. A arte serve para que a vida seja melhor que a arte Larrosa (2007).

Para Barbieri (2012), a escola deve pensar a cidade como uma possibilidade educadora, de modo que as crianças se deslocam dentro da cidade e nela nós encontramos diferentes tipos de arquitetura, museus, manifestações artísticas de todo tipo, manifestações científicas e, nas manifestações urbanísticas. A exemplo desta questão, pode-se pensar na criança quando está num engarrafamento junto dos pais, de carro ou no transporte público, ela terá tempo de apreciar a cidade, o mundo e fará perguntas sobre tudo o que vê, sendo possível uma forma de participação com o entorno artístico, mas só se participa quando se tem consciência que essas manifestações existem, daí o papel da escola.

A criança não é nem antiga nem moderna, não está nem antes nem depois, mas agora, atual, presente. Seu tempo não é linear, nem evolutivo, nem genético, nem dialético, nem sequer narrativo. A criança é um presente inatual, intempestivo, uma figura do acontecimento. E só a atenção ao acontecimento, como o incompreensível e o imprevisível, pode levar a pensar uma temporalidade descontínua. (LARROSA, 2007, p. 284).

Por outro lado, as experiências de vivenciar o entorno, traz repertório à criança, porque no museu por exemplo, ela vai aprender que não se coloca a mão em nada, que se anda devagar, da mesma forma que ela deve aprender que num parque se corre e que se age de acordo com as possibilidades de cada momento. Assim, os pequenos já podem desde cedo criar um repertório para cada momento, sabendo mais sobre os espaços coletivos e individuais e os recursos pertencentes a cada ocasião, não precisando ser o mesmo o tempo todo, pois de acordo com Barbieri (2012), temos muito de nós.

A autora ainda crítica que na cultura atual, o universo infantil muito tem se reduzido a jogos computadorizados e celulares por falta de tempo de os pais repertoriarem os filhos em outros espaços e com outras vivencias, então, essa função de oportunizar momentos aos pequenos, em que eles possam vivenciar outras formas de enxergar o mundo, ficou a caráter da escola.

De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio

De ser imediatamente reconhecível como material de arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. (ARCHER, 2001, p. 4)

Quando um ilustrador se submete a fazer um castelo russo, ele pode pintar em seus mínimos detalhes, sem ter ido até a Rússia, mas recorrendo a livros e imaginando aquele lugar. A imaginação tem a função de nos fazer transportar para outro lugar, desde pequenos. Imaginar é também construir, de forma que todos os lugares por onde andamos na cidade, foram feitos por mãos humanas, mesmo sendo auxiliados por máquinas, constituem um sistema humano. Isso faz com que tenhamos outra relação com as coisas, com os ambientes, com a roupa que vestimos e a comida que comemos.

Aristóteles dizia que a imaginação vem do mesmo lugar da alma que a memória. Então, quanto mais experiências ricas tivermos, mais recursos teremos para imaginar, consequentemente a ampliação de ações diferenciadas que respeitam o coleti-

vo e dessa forma permitir que a convivência em sociedade seja qualificada.

4 REGGIO EMILIO COMO EXEMPLO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTE

O primeiro produto que torna a cidade de Reggio Emília famosa, é a educação, especialmente a dos 0 a 6 anos, chamada educação pré-escolar. Neste campo, a cidade tem nível de excelência munda, sendo referência para muitos países em suas redes de ensino. A proposta de ensino da pré-escola, tem como base a apreciação e aprendizagem de diferentes linguagens das crianças, a organização do espaço, o trabalho colaborativo entre os profissionais da escola e a participação ativa dos pais.

A experiência desta cidade, passou a ser reconhecida internacionalmente em 1991, quando a revista norte americana Newsweek publicou uma reportagem, onde considerava as escolas educação infantil de Reggio Emília, como as melhores do mundo, mas essa história, começou bem antes. Pois as escolas infantis e creches dos serviços da primeira infância na cidade, começa no início do pós-guerra, quando numa parte da cidade um grupo de cidadãos, numa experiência muito dolorosa do pós-guerra, decidiu reconstruir o tecido social, cultural o político da comunidade, construindo uma escola para crianças pequenas. Criou-se então a escola "25 Aprile", que é uma unidade simbólica, porque o professor Malaguzzi, que era um jovem professor e ao andar de bicicleta, se encontrou com esse grupo de cidadãos, tomando parte daquela construção de experiência educativa.

A proposta pedagógica que viria posteriormente ser conhecida como uma proposta de trabalho a nível de rede de ensino de Reggio Emília, foi criada pelo então educador Loris Malaguzzi, que na época era um jovem professor universitário que se apaixonou pela causa comunitária. Ele era um intelectual, muito culto e curioso e um "devorador" de leituras e conhecimentos. Também, era um grande conhecedor das leituras psicopedagógicas, e das referências iniciais da Itália nos anos 50 e 60, eram extremamente inovadoras, abarcando Piaget, Vygotsky e Dewey, atores que hoje são consagrados, mas que na época, nem sequer havia leituras traduzidas de suas obras. No entanto, eram leituras de referência para o professor Malaguzzi e ele também frequentava seminários em Genebra, portanto, no grupo original de Piaget. Essas foram referências importantes além das relações que ele tinha com pedagogos italianos na época, como Maria Montessori, as irmãs Agazzi, Bruno Ciari e todo o movimento ativista da educação, também importantes.

A ideia de aprendizagem e ensinamento focada na criança pequena de Reggio Emília, foi sendo construída com o passar dos anos, baseada no trabalho de professores, pais e alunos, acabando por criar um conjunto singular e inovador. É assim em toda a rede Reggio Children, formada por quarenta por cento das escolas da cidade, sendo treze creches e vinte e uma pré-escolas, uma delas é a escola do centro internacional, Loris Malaguzzi.

Esta escola de referência da rede de ensino, o incentivo ao desenvolvimento intelectual das crianças é feito através da representação simbólica, em que os pequenos são estimulados a usar todas as suas maneiras de expressão, que é um enfoque muito utilizado no mundo todo, mas que já era presente em Reggio Emília há cinquenta anos.

Na escola, as turmas de alunos são divididas em seções, em que geralmente é escolhido um projeto em todos os grupos trabalha-se com o mesmo tema, mas ofertando possibilidades de criação diferentes com variados tipos de materiais. A turma é dividida em grandes e pequenos grupos, sendo que um grupo pode trabalhar por exemplo com argila e o outro trabalha com construções, outras encontrando regras da natureza matemática numa pesquisa de equilíbrios bastante sutis. Todas essas linguagens e experiências colaboram para enfocar em uma única situação problema em que o grupo todo está movido e praticando ações para desenvolver o tema.

Além da presença do professor da sala de aula regular, as escolas dessa rede contam com a presença de um atelierista, que faz parte das propostas de Loris Malaguzzi, que é exatamente para ampliar as possibilidades da criança dentro da escola e expandir o crescimento inventivo das crianças, mediante a possibilidade de experimentar, de enfrentar e de encontrar o mundo e os outros, usando as cem linguagens u as cem mil linguagens que as crianças carregam consigo. Portanto, a ideia é que a escola não deve trabalhar só as linguagens codificadas e reconhecidas hoje, mas valorizar a experiência real que é feita de exploração através da pesquisa com os olhos, com os perfumes, com o paladar, enfim.

A mente da criança, do ser humano, é multidisciplinar. Portanto, como já dizia Malaguzzi, "eu observo a criança, quanto ela me conhece, e ela me devolve essa forma de conhecer". A partir deste ponto de vista, o educador pode expandir esse modo de conhecer que já pertence aos pequeninos com o intuito de ter também linguagens artísticas e expressivas que na escola tradicional não estão presentes dentro da didática cotidiana. Outro aspecto importante dessas escolas, é que o ateliarista não é um artista que entra e executa atividades de laboratório, mas ele faz parte de um grupo de trabalho atuando em conjunto com os outros profes-

sores no dia a dia dentro de sala de aula.

Nessas escolas, acontecem assembleias no findar do dia em que as crianças contam umas para outras o que fizeram em seus trabalhos, que desenvolveram em seus grupos. Este momento é significativo pois alinhava um pouco as diferentes passagens dentro da seção, ou então, nem sempre é igual, mas pode ser um relançamento ao grupo maior, do que um subgrupo concluiu. De modo que, é muito importante valorizar cada ação dos grupos menores, pois naquele modo, naquela dimensão, podem-se aprofundar os raciocínios, porque de certa forma, é muito diferente raciocinar no grande grupo, porém não deixa de ser importante, pois todos fazem parte de um único contexto e fazem parte da discussão, assim o tema se expande e se torna patrimônio de todos.

Nesta proposta pedagógica, o espaço é um dos pontos mais importantes no processo de aprendizagem da criança. Este é um ponto muito importante, pois o espaço remete a ideia de um ambiente educativo que se tem nas escolas e que por sua vez, são muito diferentes uns dos outros, mas que tem qualidades e características para serem espaços relacionais e sobretudo que permitam acolher e construir relações. Esses espaços são transparentes e consistem que os habitantes captem diferentes perspectivas e pontos de vista, devendo ser ambientes que consintam à criança a multiplicidade e pluralidade de experiências sensoriais, sendo de certa forma, laboratórios sensoriais, como denomina BARBIERI (2012, p. 79), dentro dos quais crianças e adultos, juntos, possam construir aventuras e conhecimentos. Precisam ser ambientes que tenha a estética diferenciada, sendo composta por uma qualidade importante como elemento de relevância qualitativa de experiências, ou seja, que possua uma estrutura conectante.

Essa estrutura, é um elemento que está particularmente presente em todos os lugares da rede. Acontece de forma que ao final do dia, as crianças não desmancham as suas obras que fizeram durante o dia todo, elas ficam lá para que no dia seguinte eles possam dar continuidade nos seus projetos, desenvolvendo a partir do ponto em que pararam no dia anterior, mantendo assim, um fio narrativo, de condução para garantir uma sequência, uma continuidade, entre outras coisas, há experiências que amadurecem com o tempo e ela não param, não se concluem na duração de um dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de todo o material alcançado para o trabalho, foi possível compreender que a música é uma ferramenta fundamental para a vida, desde a educação infantil e ela deve ser proporcionada às crianças desde que são bem pequenas. A musicalização pode ser uma grande aliada no processo de ensino e desenvolvimento, pois ela auxilia na compreensão do meio e dos outros indivíduos, atuando, principalmente, nos processos do sistema nervoso e das emoções.

A música, além de ser uma atividade prazerosa a qual gostamos de ouvir e fazer, pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo e no desenvolvimento emocional, porque pode diminuir as taxas de ansiedade, melhorar sintomas de doenças etc.

O bebê, desde que está na barriga da mãe, quando escuta música, pode ter memórias da música e contribui para que a criança se relacione com meio em que vive com mais facilidade. O bebê, mesmo quando está na barriga da mãe, já tem o sistema neurológico formado e a audição desenvolvida. Então, ele já ouve o batimento cardíaco e a voz da mãe. Assim, mesmo depois que nasce, a criança é capaz de lembrar todos os sons que remete ao útero, graças a capacidade de memória auditiva que é estimulada desde a mais tenra idade.

O corpo, por ser o ponto de referência que o ser humano tem para conhecer e interagir com o mundo, sendo a base de desenvolvimento cognitivo e intelectual. Assim, o sistema psicomotor deve ser entendido como um veículo fundamental como um processo do desenvolvimento infantil, já que através dos movimentos, é possível que a criança articule a sua afetividade, seus desejos, suas possibilidades de comunicação, além do fato que a música e o movimento condicionam o processo que aquisição da linguagem e estabelecimento de relações com o ambiente com as pessoas ao redor.

Através dos eixos norteadores do trabalho na educação infantil, é possível identificar os elementos na música que ajudam a trabalhar em cada um deles, contudo, é importante pensar que ela não pode ser trabalhada de maneira estanque na educação infantil. Ou seja, um dia dedicado apenas a apreciação da contagem e batida rítmica. A apreciação pode ser trabalhada a partir de uma sensibilização estética e assim por diante.

Também, é importante respeitar o tempo de cada criança e a sua faixa etária, de modo que em um determinado período se pode esperar o desenvolvimento em um determinado aspecto como o motor, em outro período a linguagem, em outro, a apreciação com a utilização de desenhos como recursos ilustrativos.

BIBLIOGRAFIA

ARCHER, M. Arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBIERI, Stella. Interações: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

Barbosa, Ana Mae. Arte-educação no Brasil, São Paulo: editora moderna, 2010.

BRASIL. Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008.

DEWEY. J. A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LARROSA, J. Literatura, Experiência e Formação. Uma entrevista com Jorge Larrosa .3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora,2007.

MARTINS, C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

PIMENTEL, L. G. Expenciando a arte: planos de aula que vivenciam a arte para facilitar o aprendizado de outras disciplinas curriculares. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

SILVA, B. C. Doença mental, psicose, loucura: Representações e práticas da equipe multiprofissional de um Hospital-Dia. Casa do Psicólogo. 2010.